

**Sementes de resistência camponesa na territorialização da agroecologia no Vale do  
Jaguaribe: interfaces com a educação popular**

*Semillas de resistencia campesina en la territorialización de la agroecología en el Valle de  
Jaguaribe: interfaces con la educación popular*

João Paulo Guerreiro de Almeida  
**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)**  
Limoeiro do Norte-Brasil  
Severino Bezerra da Silva  
**Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**  
João Pessoa-Brasil

**Resumo**

Este trabalho volta-se à atuação da Escola Família Agrícola (EFA) Jaguaribana Zé Maria do Tomé, localizada no município de Tabuleiro do Norte, Ceará. Objetivamos discutir a territorialização da Agroecologia, a partir de projetos desenvolvidos pela escola junto a comunidades camponesas, observando as diversas práticas educativas e comunitárias realizadas nesse processo. De natureza qualitativa, esta pesquisa combina técnicas da pesquisa documental e da sistematização de experiências. Em sua atuação permeada pela Educação Popular, a EFA Jaguaribana apresenta um viés educativo-político que possibilita um diálogo horizontal, crítico, reflexivo e atravessado pela realidade e seus desafios, denúncias e anúncios, bem como contempla as diversas dimensões da Agroecologia, num processo genuíno e perseverante de territorialização da Agroecologia em uma região marcada pela hegemonia do agronegócio.

**Palavras-chave:** Educação Popular; Práticas Educativas; Agroecologia.

**Resumen**

Este trabajo se centra en las actividades de la Escola Família Agrícola (EFA) Jaguaribana Zé Maria do Tomé, ubicada en el municipio de Tabuleiro do Norte, Ceará. Pretendemos discutir la territorialización de la Agroecología, a partir de proyectos desarrollados por la escuela con comunidades campesinas, observando las diferentes prácticas educativas y comunitarias realizadas en este proceso. De carácter cualitativo, esta investigación combina técnicas provenientes de la investigación documental y la sistematización de experiencias. En sus actividades permeadas por la Educación Popular, EFA Jaguaribana presenta un sesgo educativo-político que possibilita un diálogo horizontal, crítico, reflexivo, atravesado por la realidad y sus desafíos, reclamos y anuncios, así como contemplar las diferentes dimensiones de la Agroecología, en un proceso genuino y persistente de territorialización de la Agroecología en una región marcada por la hegemonía del agronegocio.

**Palabras clave:** Educación Popular; Práticas Educativas; Agroecología.

## **Introdução**

O artigo em tela é um fragmento de uma tese doutoral, vinculada à linha de pesquisa de Educação Popular, do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, a qual buscou investigar as contribuições de uma Escola Família Agrícola cearense para a transição agroecológica na região onde está situada. Trata-se da EFA Jaguaribana Zé Maria do Tomé, localizada no Vale do Jaguaribe, precisamente, no município de Tabuleiro do Norte, Ceará. Sua inserção no território resulta, como analisado por Almeida (2024), num processo de territorialização da Agroecologia, permeado por dinâmicas educativas e comunitárias.

Dialogando com Begnami (2019), compreendemos que os Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs), nos quais se incluem as Escolas Família Agrícola, são novas/outras escolas, com princípios e finalidades diferentes de uma escola regular. São escolas *da e para* a comunidade, que por sua vez, agrupada em Associação, promove a gestão de recursos e ações diversas. Assim, para a criação da EFA Jaguaribana, criou-se, em primeiro lugar, a Associação Escola Família Agrícola Jaguaribana (AEFAJA), sua instituição mantenedora, que dentre outras atribuições, desenvolve projetos agroecológicos.

De tal modo, desde 2016, tal instituição funciona com o auxílio de voluntários da sociedade civil e dos movimentos sociais, na condição de professores, monitores, gestores, bem como na composição da AEFAJA

Dentre as frentes de atuação da Escola, destacamos três: a Pedagogia da Alternância enviesada pela Educação do Campo, através da oferta do Curso Técnico em Agropecuária na EFA Jaguaribana; a Comunicação Popular, por meio da EFACom (setor e processo voltado à produção e à divulgação de conteúdos pertinentes à atuação da escola e da Associação via redes sociais) e os projetos desenvolvidos nos territórios camponeses do Vale do Jaguaribe. Cada um destes, que compõem tal projeto institucional contra-hegemônico, possuem implicação direta para a territorialização da Agroecologia (Almeida, 2024).

No campo, então explorado pelo Agronegócio no Vale do Jaguaribe, foram plantadas sementes de luta e resistência em resposta à expansão destrutiva da agricultura patronal no território jaguaribano. Neste sentido, para disputar o projeto territorial do capital no campo, também torna-se necessária a territorialização da Agroecologia, movimento compreendido como a massificação e o escalamento (Rosset; Barbosa, 2019, p. 47) de estilos de agriculturas sustentáveis (Caporal; Costabeber, 2009), cuja ação também é permeada por uma práxis

educativo-pedagógica e política (Barbosa; Rosset, 2017, p. 717); para fins deste trabalho, identificamo-la com a Educação Popular.

Mesmo sendo um campo com notável diversidade epistemológica, teórica e metodológica, via de regra a Educação Popular designa processos educativos desenvolvidos junto às classes populares, na perspectiva da transformação social, partindo de seus contextos/territórios, problematizando-os, buscando a conscientização para a libertação, a participação sociopolítica e a transformação social (Brandão, 1983; Carrillo, 2013; Moreira, Carvalho, Oliveira, 2023). De tal modo, nesta pesquisa, propomos essa aproximação e diálogo necessários entre as sementes da Agroecologia e da Educação Popular, que embora tenham trajetórias distintas e ainda pouco exploradas, confluem-se no território jaguaribano, na busca pela construção da mudança ou da transformação social, no campo e na cidade.

A EFA Jaguaribana é uma semente e a Associação Ihe impulsiona e dá sentido. Como vimos, esta última é responsável por diversos projetos desenvolvidos com camponeses e camponesas do território jaguaribano; são projetos que não possuem relação direta com a Pedagogia da Alternância e sua prática educativa, mas constituem e alicerçam a identidade dessa escola, que se coaduna com as lutas populares, com a defesa da Reforma Agrária, da Educação do Campo, da Educação Popular, da Agroecologia e do Bem Viver no território jaguaribano. Merecem, portanto, destaque neste trabalho, a fim de destacar as potencialidades educativo-políticas das EFAs, com vistas à inserção em territórios camponeses, mediante a ação prática de promover a transição agroecológica.

Em recente estudo, Almeida (2024) apresentou como se dá a atuação da EFA Jaguaribana e suas contribuições para a formação de educandos e educandas, mas também para as suas famílias e comunidades, em perspectiva agroecológica. Se esta é uma escola para famílias e agricultores, homens e mulheres da região, a qual promove a defesa de territórios camponeses e a oferta de múltiplos serviços, que extrapolam as paredes do prédio escolar, como se dá a relação entre a Educação Popular e a territorialização da Agroecologia neste processo? É sobre esta questão que se volta o nosso trabalho.

Dito isto, neste trabalho, buscamos discutir a territorialização da Agroecologia a partir dos Projetos desenvolvidos pela AEFAJA junto a comunidades camponesas no Vale do Jaguaribe, observando as diversas práticas educativas e comunitárias realizadas no decorrer de sua execução.

*Sementes de resistência camponesa na territorialização da agroecologia no Vale do Jaguaribe:  
interfaces com a educação popular*

Num primeiro momento, apresentamos a metodologia da pesquisa, para, em seguida, discorrermos sobre os projetos desenvolvidos pela EFA Jaguaribana, as dimensões da Agroecologia por eles destacadas, bem como as práticas educativas desenvolvidas neste processo. Por último, amarramos estes pontos no tópico de considerações finais.

### **Metodologia**

Para o desenvolvimento desta pesquisa, de natureza qualitativa, combinamos técnicas da pesquisa documental (Gil, 2002) e da sistematização de experiências (Holliday, 2006), cujos resultados foram analisados à luz de referenciais pertinentes à Educação Popular e à Agroecologia. Em sua maioria, nossas fontes bibliográficas foram: teses e dissertações incluídas em repositórios institucionais; artigos e livros publicados em Periódicos qualificados em Plataformas como a *Scielo* e *Google Acadêmico*, respectivamente, alinhando as discussões de autores basilares dos referidos campos de estudos a referenciais locais, igualmente imprescindíveis.

Outro componente fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa foi o levantamento de fontes documentais (escritas e não escritas), caracterizada pela pesquisa documental, que segundo Gil (2002, p. 45): “[...] vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. A reunião das fontes documentais e imagéticas contribuiu, de forma significativa, para a obtenção de achados para a pesquisa, pois, combinada a outras técnicas de coleta de material diversificou a metodologia da pesquisa e permitiu conclusões mais assertivas e aproximadas sobre o estudo em questão.

Em nossa pesquisa, recorreremos a meios diversos, como postagens de suas redes sociais e livros de memória institucional e boletins, os quais foram nossas fontes para a sistematização de experiências ora realizada. Nesta etapa, também produzimos um levantamento das atividades desenvolvidas em campo pela EFA Jaguaribana, mediante os projetos, o qual permitiu conhecer diversas experiências em torno da Educação Popular, a fim sistematizá-las para posterior análise, sobre as suas contribuições para a atuação comunitária da escola e consequente organização e participação sociopolítica camponesa.

### **Projetos desenvolvidos pela EFA Jaguaribana junto a comunidades camponesas**

As frentes de atuação da escola, inicialmente voltadas, especificamente, à Pedagogia da Alternância, foram se ampliando em decorrência do contexto de Pandemia da COVID-19, que implicou no isolamento social e na interrupção das atividades do Curso Técnico em

Agropecuária. Como resultado, houve a criação e a execução de diversos projetos agroecológicos desenvolvidos junto a comunidades camponesas do Vale do Jaguaribe.

Quando nos referimos a projetos voltados à agroecologia, compreendemos que devem ser pensados de modo a articular o desenvolvimento do campo com o respeito e à valorização da cultura camponesa e dos sujeitos que a fazem, considerando, ainda, um projeto de sociedade, um devir (Barbosa; Rosset, 2017).

Em nossa pesquisa documental, identificamos que os projetos desenvolvidos pela AEF AJA apresentam objetivos, público-alvo e alcance distintos, mas complementares, se considerarmos os diversos territórios de atuação. Para a discussão acerca da territorialização da Agroecologia, destacaremos alguns destes projetos, quais sejam: Sementes da Vida; Quintais de saberes e sabores do semiárido; Mulheres camponesas e quilombolas do Vale do Jaguaribe; Quintais de saberes e sabores do semiárido; Assistência Técnica e Extensão Rural.

O primeiro projeto de que trataremos é o *Sementes da Vida*, iniciado em 2020, o qual possui a maior abrangência e tem como objetivo: [...] melhorar a qualidade de vida das famílias agricultoras, fortalecendo sua autonomia, segurança e soberania alimentar e nutricional (AEFAJA, 2022, p. 20). O *Sementes da Vida* é desenvolvido em colaboração com a Cooperativa Mista de Trabalho, Assessoria e Consultoria Técnico Educacional (COMTACTE) e 16 (dezesseis) associações comunitárias; tem como estimativa que seja desenvolvido com aproximadamente 400 pequenos agricultores do Vale do Jaguaribe e beneficie cerca de 1.330 pessoas diretamente e 6.650 pessoas indiretamente, ampliando seus estoques de sementes crioulas, para desenvolver 16 novas Casas de Sementes nativas (mandioca, feijão, arroz, milho, inhame, entre outros).

Sua abrangência é regional e contempla nove municípios do Vale do Jaguaribe, a saber: Tabuleiro do Norte, Limoeiro do Norte, Russas, São João do Jaguaribe, Potiretama, Aracati, Fortim, Itaiçaba e Palhano. Com as Casas de Sementes e o acompanhamento técnico às comunidades, retoma-se uma prática ancestral por vezes esquecida, que é o armazenamento e distribuição de sementes crioulas (AEFAJA, 2021). Não obstante, as Casas de Sementes e sua gestão compartilhada geram autonomia aos camponeses, que não necessitariam mais ficarem limitados ao calendário do estado para a distribuição e o acesso a sementes para o plantio. As sementes crioulas pertencem a comunidades e famílias que foram preservando-as durante anos e décadas, coletando e armazenando, a partir de uma seleção visual, aquelas

*Sementes de resistência camponesa na territorialização da agroecologia no Vale do Jaguaribe: interfaces com a educação popular*

que melhor se adaptavam às características de determinado ambiente (Maronhas, Silva e Görgen, 2022, p. 684).

Dentre as atividades de destaque do referido projeto, podemos destacar: a) a articulação com comunidades camponesas com vistas à construção das Casas de Sementes; b) reuniões para planejamento e avaliação de atividades do projeto; c) rodas de conversa sobre temáticas diversas; d) vivências em bioconstrução e intercâmbios com outras comunidades que desenvolvem projetos semelhantes; e) realização de oficinas sobre Gestão das Casas de Sementes e reuniões sobre funcionamento do Fundo Rotativo Solidário; f) participação em *lives* realizadas pela equipe de Comunicação da AEFAJA para divulgar o projeto e suas ações; g) busca de parcerias com Conselhos Municipais de Segurança Alimentar e Nutricional no Vale do Jaguaribe; h) realização e participação em encontros que tratem de temáticas como agroecologia e convivência com o semiárido; i) e, mais recentemente, oficinas de fantoches que abordaram, junto a crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, as temáticas anteriormente citadas.

É importante mencionar que a territorialização da Agroecologia nestas comunidades ocorre paralelamente à territorialização do Agronegócio, numa dissimetria de poderes incalculável. Neste processo, camponeses(as), articulados do seu modo, vêm promovendo a resistência, sobretudo, em defesa de seus direitos de (sobre)viver no território, buscando formas de garantir a sua reprodução social. Assim, o Projeto Sementes da Vida, para além de intencionar a construção das Casas de Sementes, vêm animando as comunidades a se inserirem nessas lutas populares, usualmente travadas no território.

Arelado ao Sementes da Vida está o projeto “Consórcios Agroecológicos no Vale do Jaguaribe”, cujas atividades tiveram início ao final de 2022 e voltam-se à produção de algodão agroecológico por famílias de Limoeiro do Norte e Potiretama. A ideia de consórcio agroecológico consiste na produção de uma cultura em consonância com outras culturas distribuídas em faixas, no mesmo local; ou seja, mesmo que haja foco na produção de determinada cultura, isto deve ocorrer de forma diversificada no agroecossistema. Dentre os pontos positivos desta prática, destacamos: sua adequação a pequenas áreas produtivas, como característico das propriedades de famílias camponesas; baixo custo de capital despendido pelos produtores; diversificação de culturas; equilíbrio do ecossistema e controle de pragas; e aumento de produtividade na propriedade (Tavella et al., 2011).

Por esses motivos, consideramos o Projeto Sementes da Vida uma iniciativa fundamental para a territorialização e fortalecimento da Agroecologia no Vale do Jaguaribe, seja pela sua abrangência, seja pela diversificação de atividades e teor conscientizador e articulador das mesmas. O referido projeto traz indicativos importantes sobre o potencial comunitário e sobre a organização e participação sociopolítica camponesa nesse processo.

Outro projeto é o de *Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER* (2021-2022) foi realizado pela Cáritas Brasileira Regional (Ceará) em parceria com a EFA Jaguaribana, tendo apoio da Secretaria de Desenvolvimento Agrário (SDA) do Ceará. O objetivo deste projeto foi oferecer serviços de ATER visando apoiar o desenvolvimento da agricultura familiar-camponesa através de assistência técnica e extensão rural com foco na comercialização da produção. Deste modo, o público beneficiado tratava-se de agricultores e agricultoras de Tabuleiro do Norte e Mulungu.

As atividades de ATER abrangeram assentamentos localizados em Tabuleiro do Norte e contemplaram 244 famílias, acompanhadas na comercialização de suas produções. No desenvolvimento do projeto, ainda no período pandêmico, foram realizadas capacitações, cursos, oficinas e orientações técnicas às famílias atendidas, versando sobre as temáticas de produção e comercialização – em especial, o Manejo Ecológico da Agricultura e Fundos Rotativos Solidários -, a partir dos enfoques da Agroecologia e da Economia Popular Solidária (AEFAJA, 2022, p. 32).

Assim, neste projeto, há um importante enfoque nas dimensões técnica e administrativa da Agroecologia, mas também um diálogo de saberes que merece ser discutido, considerando a finalidade desta tese. Em texto publicado na Memória Institucional da EFA Jaguaribana de 2022, acerca da ATER, destacou-se que: os processos de comunicação são importantes, pois possibilitam a construção de novos conhecimentos envolvendo os saberes técnicos científicos integrados às experiências que as famílias possuem (AEFAJA, 2022, p. 32).

Essa afirmação nos possibilitou dialogar com Freire (2014), que traça um paralelo pertinente entre a relação do agrônomo com os camponeses; uma relação de doação de conhecimento, numa hierarquia, em que o primeiro traz prontas as fórmulas para o trabalho do segundo, que docilmente as acata. Ou seja, quando se sugere a importância da comunicação neste processo, defende-se a necessidade de uma síntese que abrigue a eficácia

*Sementes de resistência camponesa na territorialização da agroecologia no Vale do Jaguaribe: interfaces com a educação popular*

e a necessidade dos conhecimentos que a universidade pode proporcionar ao agrônomo ou técnico em agropecuária, que em contrapartida pode buscar, junto aos camponeses, formas de aplicá-los ou adaptá-los à sua realidade, num diálogo intersubjetivo com os saberes da experiência e das vivências dos agricultores/camponeses.

No que tange à agroecologia, o respeito à cultura camponesa e ao seu modo de viver e produzir deve estar calcado às nuances deste processo, considerando, ainda, a produção sustentável, a organização comunitária, o associativismo e o Bem Viver. Neste sentido, não cabe nesta relação um diálogo de saberes desinteressado e falsamente preocupado com a transformação social; este diálogo deve subentender um olhar atento, contextualizado e atravessado pela realidade, pelos conflitos que cercam o território e pelas possibilidades de resistência e superação. Aqui, vemos uma forte e necessária estratégia de Educação Popular.

Diante do exposto, o projeto de ATER mostrou-se imprescindível para a territorialização da Agroecologia, uma vez que possibilitou a formação camponesa e a construção de estratégias, do ponto de vista técnico, para a produção e comercialização das culturas. Por isso, sua metodologia e enfoques merecem discussão, socialização e reprodução em outros territórios, dados os impactos ora apresentados.

Outros dois projetos importantes desenvolvidos pela EFA Jaguaribana, os quais optamos por discutir, de forma conjunta, são voltados às mulheres camponesas e quilombolas do Vale do Jaguaribe, quais sejam: *Quintais de saberes e sabores do semiárido* e *Mulheres camponesas e quilombolas do Vale do Jaguaribe*, desenvolvidos em 2022, cujos objetivos são diversos e complementares, dos quais destacamos o de potencializar a “[...] qualidade de vida e a capacidade produtiva de famílias agricultoras camponesas do semiárido através do fortalecimento de quintais de produção agroecológica, troca de saberes tradicionais e práticas de sustentabilidade ambiental” (AEFAJA, 2023, p. 28).

Seu público alvo consiste em mulheres camponesas do Baixo Jaguaribe (microrregião do Vale do Jaguaribe), particularmente dos municípios de Tabuleiro do Norte e São João do Jaguaribe, e quilombolas do litoral do Aracati. Para fins desse artigo, demos enfoque às atividades desenvolvidas nos dois primeiros municípios, tendo em vista abrangerem mulheres camponesas.

As atividades principais foram as conversas de quintal, as quais ocorriam nas casas das participantes do projeto. A metodologia consistiu na discussão inicial de um Tema Gerador relativo ao cotidiano das comunidades, com posterior intervenção dialogada pelas

participantes do projeto. Destacamos que, para além da importância da articulação feminina neste processo de territorialização da Agroecologia nos municípios contemplados, as temáticas focalizam questões pertinentes à organização e à participação sociopolítica camponesa nos territórios.

Num dos encontros do projeto, realizado em uma comunidade impactada negativamente pelo *modus operandi* do agronegócio do algodão, o enfoque inicial da conversa de quintal foi a discussão de uma matéria publicada em um jornal cearense, acerca da produção de algodão em larga escala no estado, em particular, sobre a geração de empregos para a população e lucro para as empresas. De tal modo, a problematização girou em torno do impacto da territorialização do Agronegócio na região. Como forma aprofundamento da questão inicial e de leitura do mundo com conscientização, a conversa de quintal seguiu-se, abordando as seguintes temáticas, mediante trabalho em grupo: 1) *Direito de Acesso à Terra e ao Território*; 2) *Direito à água e os cuidados com as águas dos reservatórios e fontes*; 3) *Uso de agrotóxicos pelas e empresas e consequências nas unidades de produção familiar*; 4) *Importância do cultivo e do uso de plantas medicinais para a saúde familiar e comunitária*; 5) *Sementes Tradicionais e as Casas de Semente Comunitárias*. Este momento foi marcado pela reunião dos grupos, discussão da temática e construção de uma síntese, posteriormente apresentada em assembleia.

Na síntese de suas leituras de mundo, as mulheres destacaram desafios do *modus operandi* do agronegócio em seus territórios: poluição da água, do solo e do ar, morte, representando o alerta para o risco de contaminação por veneno. Em nosso entendimento, as conversas de quintal são uma boa estratégia de Educação Popular, por combinarem a leitura do mundo e a denúncia (com problematização e conscientização), bem como o anúncio da Agroecologia para participação social, engajamento e libertação das opressões a que estão submetidos.

Considerando os projetos apresentados e as atividades gerais da Associação, publicadas nas redes sociais e nas Memórias Institucionais da AEFAJA, conseguimos quantificar 159 ações realizadas no período compreendido entre janeiro de 2020 e dezembro de 2022, sendo: 93 de atividades gerais da Associação, 51 do projeto Sementes da Vida e 15 dos demais projetos. As ações ora sistematizadas **foram** pormenorizadas no tópico a seguir, observando como se aproximam e contemplam as dimensões da Agroecologia.

### **Dimensões da Agroecologia nos projetos desenvolvidos pela AEFJA**

Neste tópico, tratamos das dimensões da Agroecologia presentes nos projetos desenvolvidos pela AEFJA. Segundo Machado e Machado Filho (2017), as dimensões da Agroecologia envolvem a escala (produção em larga escala), questões políticas, sociais, econômicas, ambientais, culturais, éticas, administrativas e técnicas, que se coadunam em torno da soberania alimentar. Compreendemos, também, que estas dimensões compõem um todo estruturado, o qual não pode ser visto em partes isoladas; evidentemente, isso não significa ignorar suas particularidades, mas buscar os pontos de encontro entre as mesmas.

Ao realizar a sistematização de atividades desenvolvidas no âmbito dos projetos da EFA Jaguaribana, percebemos momentos cuja intencionalidade, mesmo que despretensiosamente, direcionava-se a determinadas dimensões da agroecologia, mas também identificamos que estas dimensões facilmente se imiscuem neste processo. Para facilitar a catalogação de atividades e identificá-las em consonância com as dimensões da agroecologia, construímos a figura a seguir.

**Figura 1 – Dimensões da Agroecologia nos projetos desenvolvidos pela EFA Jaguaribana**



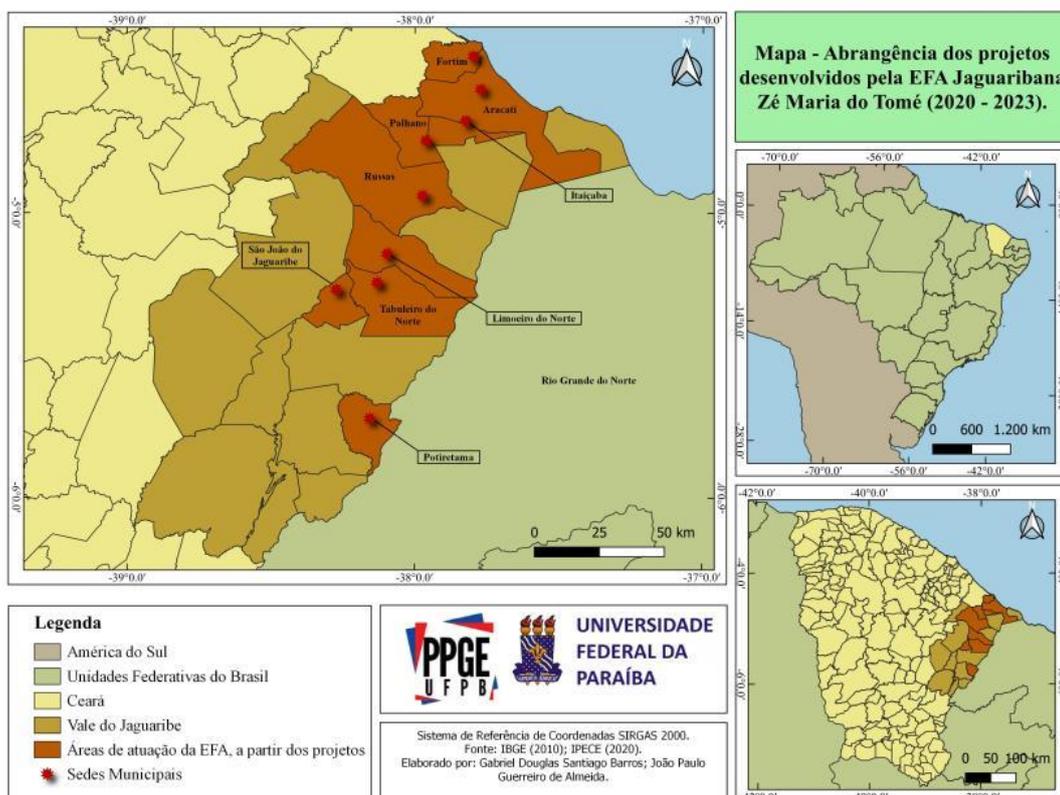
Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Em nossa compreensão, as dimensões ambiental e da soberania alimentar perpassam quaisquer atividades desenvolvidas pela EFA Jaguaribana. A ambiental, por considerar o processo de produção sustentável de alimentos (mediante a aplicação de procedimentos agrícolas que eliminem e minimizem a contaminação ambiental) e a nossa relação com a

natureza; a soberania alimentar, por corresponder à distribuição e ao consumo desses alimentos, à segurança alimentar e à erradicação da fome. Neste sentido, não haverá tópicos exclusivos a elas dedicados.

A primeira dimensão que apresentamos é a *escala*, que diz respeito à abrangência/alcance da produção agroecológica. O mapa a seguir explicita o alcance dos projetos da EFA Jaguaribana, a nível regional.

**Mapa 1 – Abrangência dos Projetos desenvolvidos pela EFA Jaguaribana (2020-2023)**



Fonte: Almeida (2024).

A abrangência dos projetos desenvolvidos pela EFA Jaguaribana é explícita: Todos os projetos contemplam o município de origem da escola (Tabuleiro do Norte), no qual, também há maior diversificação de abordagens e contempla-se significativamente as dimensões da agroecologia. Mesmo assim, não se restringem a Tabuleiro do Norte, pois envolvem nove municípios do Vale do Jaguaribe.

A dimensão da escala compreende que, sob um enfoque agroecológico, deve-se ser capaz de produzir na mesma proporção do Agronegócio, ou seja, em larga escala. Desta forma, trata-se de produzir o suficiente para alimentar a população mundial, também lançando mão de tecnologias sustentáveis e compatíveis com a referida produção (Rosset e

*Sementes de resistência camponesa na territorialização da agroecologia no Vale do Jaguaribe: interfaces com a educação popular*

Barbosa, 2019). De tal modo, pensando no escalamento, vemos que a EFA Jaguaribana tem dado bons indicativos sobre como promover a territorialização da Agroecologia no Vale do Jaguaribe de forma abrangente e não restrita a poucas famílias. Estas últimas, por sua vez, podem ser capazes de compartilhar experiências com outras famílias e comunidades, sensibilizando-as a se inserirem neste movimento pensado para garantir a massificação destes estilos de agriculturas sustentáveis (Caporal; Costabeber, 2009) de base ecológica. Trata-se de uma dimensão que orienta para um olhar ampliado: partindo do local, para o regional e o nacional.

Por sua vez, as dimensões da *administração* e da *técnica* são importantes para pensar a Agroecologia, uma vez que se depende da técnica para construir os sistemas de produção diversificada, a exemplo das agroflorestas, cultivos em consórcio e criação de animais, ou para a redução da dependência de externos, como fertilizantes químicos e pesticidas, ou para o desenvolvimento de tecnologias sociais para a convivência com o semiárido. Neste sentido, a técnica, a tecnologia e o profissional que as propõe são fundamentais na produção agroecológica, como formas de construção coletiva e dialógica de saberes. Uma boa técnica, alinhada ao diálogo entre pares (técnico ou agrônomo-camponeses e camponeses-camponeses) pode influenciar na socialização de experiências exitosas, conseqüentemente, na produção das unidades familiares, possibilitando, ainda, a ampliação da escala neste processo.

Sobre as atividades dos projetos da EFA Jaguaribana que contemplam a dimensão técnica da agroecologia, destacamos a importância de projetos como o de *Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER)* para o acompanhamento aos camponeses em suas atividades no campo, do *Sementes da Vida (SV)*, que possibilitou a aquisição de ferramentas para atividades no campo, promoveu intercâmbios com unidades produtivas de territórios diversos e, junto a outros projetos, incentivou a socialização e a implantação de tecnologias sociais para a convivência com o semiárido em quintais produtivos de camponeses participantes dos projetos.

No campo administrativo, o projeto Sementes da Vida teve duas atividades importantes, a saber: as oficinas sobre gestão e sobre o fundo rotativo das Casas de Sementes Crioulas. No que concerne ao fundo rotativo, trata-se de um recurso da Casa de Sementes, administrado por uma comissão, designado a financiar atividades agrícolas de associados. Grosso modo, o fundo rotativo é uma poupança comunitária, gerida coletivamente, a fim de

fortalecer a agricultura camponesa e incentivar práticas agroecológicas. Consideramos esta iniciativa uma estratégia importante para incentivar a autonomia dos participantes do projeto e a organização comunitária para o desenvolvimento de territórios camponeses, pois retira, em partes, a dependência de bancos tradicionais, cujos juros abusivos são desproporcionais à situação econômica dos camponeses e podem impactar no endividamento e no comprometimento da renda familiar.

Tais atividades são fundamentais ao processo de pensar e fazer a Agroecologia, pois possuem uma inter-relação direta. Ligam-se ao processo produtivo e à administração e otimização de recursos (financeiros e naturais), ao associativismo e à organização comunitária, ao planejamento de atividades, adoção de técnicas e práticas agroecológicas, bem como à formação para aplicá-las.

Já as dimensões *política* e *social* da Agroecologia têm intrínseca relação entre si e entre outras; são indissociáveis e vêm acompanhando toda a atuação da EFA Jaguaribana, perpassada pela territorialização da Agroecologia - que também é uma construção coletiva de contestação do *status quo* e proposição de alternativas, ou seja, um campo científico e sociopolítico (Ruas; Schommer, 2020). Sobre este último aspecto, compreendemos que o social está intimamente ligado ao ser no mundo e aos direitos civis e sociais da sociedade, e o político pressupõe a participação cidadã no exercício da democracia. De igual modo, ambas subentendem a articulação e a organização da sociedade civil na tomada de decisões coletivas sobre o curso da sociedade, garantindo isonomia, inclusão e pluralidade ao processo de territorialização da Agroecologia.

Busca-se, neste sentido, garantir repercussões no campo das políticas públicas, pois estas implicam na atuação do Estado num processo que, por vezes, começa restrito e solitário, e paulatinamente, amplia-se por meio da integração entre sujeitos, movimentos e territórios. Ou seja, a participação social, mediante a articulação e a organização sociopolítica camponesa, é que garante a territorialização da Agroecologia, sendo essa precedida de momentos de construção coletiva nas comunidades, para a análise do cotidiano do território, com seus desafios, demandas sociais e possibilidades.

Na atuação da EFA Jaguaribana, de forma explícita e direcionada, as dimensões política e social da Agroecologia perpassam, principalmente, as atividades gerais da Associação (AEFAJA) e atividades dos projetos executados. São exemplos destas:

*Sementes de resistência camponesa na territorialização da agroecologia no Vale do Jaguaribe:  
interfaces com a educação popular*

Assembleias gerais; Realização ou participação em reuniões para a busca de parcerias e ampliação da rede em defesa da agroecologia no Vale do Jaguaribe ou para apresentação de demandas da EFA Jaguaribana; Articulação em Fóruns, Comissões e Movimentos Sociais; Realização de intercâmbios com diversos territórios; Participação em eventos e em oficinas, atos reivindicatórios e audiências públicas; Conversas de quintal/Rodas de conversa sobre temáticas diversas, com teor crítico; Realização do Curso de Juristas Populares, dentre outras.

As dimensões política e social envolvem a mudança de um regime, ou seja, a mudança ou a transformação social, a partir da participação cidadã, rompendo com a concentração de renda para uns e pobreza para outros. Para além de um processo de inclusão social, “[...] conforma um sujeito camponês histórico-político” (Rosset; Barbosa, 2019, p. 46). Estas dimensões também dizem respeito ao processo articulatório e mobilizador para o rompimento com diversas situações de opressão no campo, a exemplo das opressões de gênero, sexualidade e raça/etnia, por isso são fundamentais ao processo de territorialização da Agroecologia.

Outra dimensão da Agroecologia, a *cultural*, compreende a cultura do território/comunidade e os conhecimentos/saberes que os agricultores ou camponeses trazem em suas experiências na produção, mas também os valores e tradições das comunidades camponesas, transmitidas ao longo das gerações. Ainda, compreende uma dinâmica educativa vinculada ao acesso aos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, bem como à produção de conhecimentos que considerem as particularidades do campo e das comunidades. Dentre essas atividades, destacamos as oficinas de cordel e o teatro de fantoches, como estratégias de produção e socialização de conhecimentos a diferentes públicos, a partir de um olhar atravessado pelo seu cotidiano. Outra estratégia de Educação Popular que identificamos.

A valorização da cultura e da história locais são imprescindíveis nesse processo de territorialização da Agroecologia, que também é permeado pela construção de uma identidade camponesa. Junto a isso, a valorização dos saberes e estratégias de produção que os camponeses trazem ao longo de sua relação com a terra e a produção também se mostra fundamental para o caminhar. Trata-se, dentre outras questões, de compartilhar e trocar conhecimentos e/ou técnicas, sem invadir ou subjugar-los (Machado; Machado Filho, 2017). Neste sentido, compreendemos haver aqui dois encontros: o primeiro entre as dimensões da técnica e da cultura, sob o viés agroecológico; o segundo é o encontro da Agroecologia com

a Educação Popular, na perspectiva de promover uma síntese cultural e uma ecologia de saberes.

Conforme realizamos os levantamentos para a sistematização, percebemos que essas dimensões facilmente se imiscuem nas atividades realizadas pela EFA Jaguaribana. Ou seja, determinada ação poderia contemplar mais de uma dimensão da agroecologia, o que é importante. Por exemplo, na organização e/ou participação em Feiras Agroecológicas e Festas nas comunidades, há destaque para as dimensões política e social, ambiental, econômica e cultural da Agroecologia. Isso se dá por diversos aspectos. Em primeiro lugar, porque as feiras agroecológicas, em especial no Vale do Jaguaribe, são espaços e momentos marcados não apenas pelo processo de compra e venda de produtos oriundos da agricultura familiar e camponesa, mas também convergem em resistência, precedidos pela denúncia de desafios diversos enfrentados pelos camponeses do território jaguaribano, e do anúncio da Reforma Agrária como imprescindível à garantia de justiça social e defesa do meio ambiente.

As Feiras ocorrem aos sábados, no campo e/ou na cidade, com exposição e venda de produções diversificadas, que vão de frutas e hortaliças, plantas medicinais, comidas típicas, bebidas, bazares e artesanatos; com forró pé-de-serra e plenária aberta para discussões dos desafios e da resistência camponesa do território.

Por sua vez, as Festas nas comunidades, principalmente aquelas organizadas com apoio da EFA Jaguaribana, são momentos em que as dimensões da Agroecologia se encontram. Destacamos o Festival do Mugunzá e as Festas da Colheita, construídas em parceria com Associações Comunitárias, Cáritas Diocesana e a EFA Jaguaribana.

Outro exemplo são as ações de planejamento e/ou execução de atividades diversas dos projetos. As atividades envolviam a participação das comunidades camponesas em: reuniões, planejamentos, participação em *lives* sobre discussões diversas, construção e inauguração de casas de sementes, oficinas de gestão e entregas de sementes crioulas; ou vivências em Bioconstrução e em fotografias, mais visíveis no Quilombo do Córrego de Ubaranas, em Aracati.

Em síntese, as atividades desenvolvidas no âmbito dos projetos da EFA Jaguaribana têm expressa contribuição no atendimento às dimensões da Agroecologia, por permitirem uma inserção educativo-política nos territórios, respeitando e fortalecendo a identidade e a cultura camponesas, bem como vínculos solidários e comunitários. Não obstante, também são

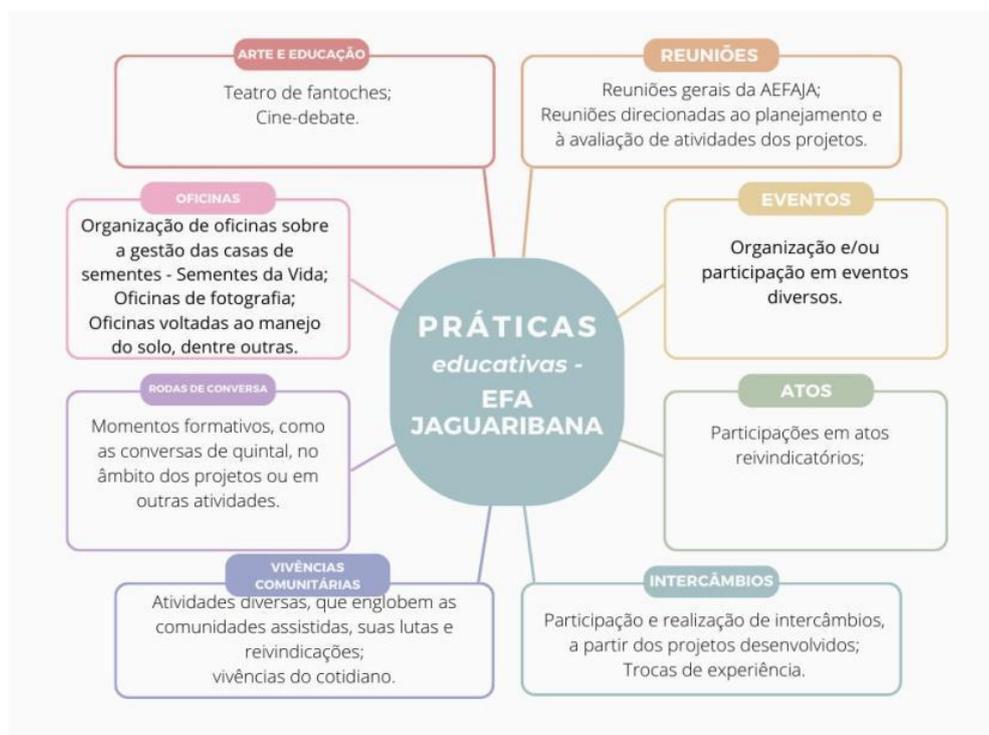
*Sementes de resistência camponesa na territorialização da agroecologia no Vale do Jaguaribe: interfaces com a educação popular*

educativas, seja para os camponeses participantes dos projetos, para a equipe que compõe os diversos núcleos de atuação da escola ou para outros territórios, sujeitos e movimentos sociais que têm objetivos em comum. E é sobre essa questão que versa o próximo tópico.

**Práticas educativas e momentos formativos desenvolvidos em comunidades camponesas: o ponto de encontro com a Educação Popular**

Uma vez apresentados os projetos desenvolvidos pela EFA Jaguaribana, neste tópico tratamos, especificamente, das práticas educativas identificadas no âmbito destes, sistematizadas num apanhado geral e conciso. Dito isto, destacamos que as práticas educativas e momentos formativos aqui sistematizados são perpassados por um diálogo de saberes e estão reunidas em oito grupos de atividades, conforme a figura a seguir.

**Figura 2 – Práticas Educativas nos projetos da EFA Jaguaribana**



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Para compreendermos a etimologia da expressão prática educativa, é necessário mencionar que, como condição *sine qua non* ao processo de humanização, a educação perpassa diversos espaços e ocorre de diversas formas (Almeida, 2024). Embora reiteremos a importância da escola como promotora do acesso aos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, distribuídos nos currículos escolares e submetidos a um sistema e à política educacional, e dos professores como mediadores do processo de ensino-

aprendizagem, devemos destacar que esta não é a única forma ou lugar para tal. Ou seja, a prática educativa não é restrita à sala de aula.

Autores como Bandeira e Ibiapina (2014) e Sacristán (1999) destacam que a prática educativa deve ser considerada como multidimensional, incorporando em seus meandros a prática pedagógica e a prática docente - mais direcionadas à educação escolar -, mas também processos educativos para além do espaço formal. Por identificarmos que a EFA Jaguaribana extrapola os limites dos muros escolares e adentra às comunidades, consideramos pertinente destacar que, ao utilizarmos a expressão prática educativa para nos referirmos às atividades ora apresentadas, estamos incluindo no ato de educar e aprender, o assistemático, o não formal e o informal. No caso da EFA jaguaribana, há explícita identificação com a Educação Popular, dado o teor crítico e criticizador voltado ao diálogo de saberes, à conscientização, à libertação e à transformação social.

Atividades como assembleias, atos reivindicatórios, rodas de conversa, intercâmbios, dentre outros, são educativos e fundamentais para incentivar e fortalecer atos de fala e de participação na territorialização da Agroecologia. Ou seja, os atos de fala são uma prática educativa imprescindível no campo da Educação Popular, por permitirem o diálogo de saberes e compreensões sobre processos diversos e por conclamarem à organização e à participação sociopolítica. Não se trata de dar a voz ao oprimido ou à oprimida; trata-se de promover situações dialógicas, de reflexão, análise e busca por mudanças ou por transformação social (Freire, 2019).

Considerando este pensamento, percebemos que a educação popular perpassa esse processo, o qual ocorre como consequência da territorialização da agroecologia no Vale do Jaguaribe, ou seja, é algo situado e pertinente à sociedade que lhe exige. As práticas educativas desenvolvidas pela EFA Jaguaribana no âmbito dos projetos anteriormente apresentados, por se inserirem num contexto conflituoso e de resistência, ensejam, para além da ideação e execução dos projetos, a construção de processos de resistência coletiva, a defesa dos territórios camponeses e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

### **Considerações finais**

Este trabalho buscou responder a seguinte questão acerca da EFA Jaguaribana: Se esta é uma escola para famílias e agricultores, homens e mulheres da região, a qual promove a defesa de territórios camponeses e a oferta de múltiplos serviços, que extrapolam as

*Sementes de resistência camponesa na territorialização da agroecologia no Vale do Jaguaribe:  
interfaces com a educação popular*

paredes do prédio escolar, como se dá a relação entre a Educação Popular e a territorialização da Agroecologia neste processo? Na tessitura deste texto, discutimos os projetos desenvolvidos, seu público alvo, objetivos e principais atividades realizadas, observando como se entrelaçaram a Educação Popular e a Agroecologia. Identificamos que, em sua atuação com os projetos agroecológicos, a EFA Jaguaribana cumpre todas as dimensões da Agroecologia (escala, técnica, administrativa, política, social, cultural, ambiental e soberania alimentar), educando e formando as comunidades camponesas nesse processo.

Esses momentos formativos no âmbito da territorialização da Agroecologia subentendem um olhar, uma leitura do mundo - ou do território onde estão inseridos -, suas vivências, denúncias e anúncios. Revelam uma dinâmica educativa que vai além dos muros da escola e, por esse motivo, entendemos como essencial à sua concepção como escola do campo, que não se encerra em quatro paredes do prédio escolar. Mostram-se formativas e educativas, tendo em vista que promovem o encontro, a interação, a troca e a compreensão de que a luta é ampla e, deste modo, não pode ser solitária nem restrita ao âmbito local. De tal modo, são intrinsecamente ligados à Educação Popular.

Os momentos formativos ora apresentados são, portanto, educativo-políticos, porque promovem a conscientização e subentendem um ato de ação-reflexão-ação, uma práxis para libertação. Construir a Agroecologia em diálogo com a Educação Popular perpassa esse processo político e educativo de articulação, participação e organização, para conscientização e sensibilização; um processo que, por si, pressupõe a construção de uma identidade camponesa, logo, uma identidade de resistência.

De tal modo, os processos educativos viesados pela Educação Popular permitem aos camponeses e às camponesas identificar contradições e impactos decorrentes do *modus operandi* do agronegócio em suas comunidades, ao passo que também remetem à importância da organização e da participação sociopolítica para a resistência camponesa, paulatinamente em construção no território jaguaribano. Esse viés educativo e político da territorialização da Agroecologia, ao modo de Paulo Freire, possibilita um diálogo horizontal, crítico, reflexivo e contextualizado da realidade e de seus desafios (temas geradores), denúncias e anúncios, portanto, não fogem à práxis para a transformação social.

## **Referências**

Almeida, João Paulo Guerreiro de. **Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé: Educação do Campo e Territorialização da Agroecologia**. 2024. 324 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2024.

ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA JAGUARIBANA. **Memória Institucional, 2022**. Tabuleiro do Norte, 2023. Disponível em: <<https://encr.pw/mUILV>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA JAGUARIBANA. **Memória Institucional, 2021**. Tabuleiro do Norte, 2022. Disponível em: <<https://acesse.dev/8PYdP>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

ASSOCIAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA JAGUARIBANA. **Memória Institucional, 2018, 2019, 2020**. Tabuleiro do Norte, 2021. Disponível em: <<https://acesse.dev/n97Va>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BANDEIRA, Hilda Maria Martins; IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. Prática educativa: entre o essencialismo e a práxis. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, p. 107-117, 2014.

BARBOSA, Lia Pinheiro; ROSSET, Peter Michael. Educação do campo e pedagogia camponesa agroecológica na América Latina: Aportes da La Via Campesina e da CLOC. **Educação & Sociedade**, v. 38, p. 705-724, 2017.

BEGNAMI, João Batista. **Formação por Alternância na Licenciatura em Educação do Campo: possibilidades e limites do diálogo com a Pedagogia da Alternância**. 2019. 402f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Editora brasiliense, 1983.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para o Desenvolvimento Rural Sustentável**. Brasília: MDA, 2009.

CARRILLO, Alfonso Torres. A Educação Popular como Prática Política e Pedagógica Emancipadora. In: **Educação Popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. Cap. 01. p. 15-32.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 69. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro; MACHADO FILHO, Luiz Carlos Pinheiro. **Dialética da Agroecologia**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

MOREIRA, Lunian Fernandes; CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de; OLIVEIRA, Diana Nara da Silva. Educação Popular e Agroecologia: saberes e aprendizados no Acampamento Zé Maria do Tomé – Ceará. **Revista Cocar**, [S. l.], n. 22, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/6912>. Acesso em: 13 maio. 2024.

*Sementes de resistência camponesa na territorialização da agroecologia no Vale do Jaguaribe: interfaces com a educação popular*

ROSSET, Peter Michael; BARBOSA, Lia Pinheiro. Territorialização da agroecologia na Via Campesina. **Boletim EcoEco**, n. 39, edição especial, 2019.

RUAS, Rafael Beghini; SCHOMMER, Paula Chies. A relação entre incidência política e mobilização de recursos na agroecologia. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, v. 25, n. 81, 2020.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

TAVELLA, Leonardo Barreto; LEITEM, Hugo Mota Ferreira Leite; BRAVIN, Maisa Pinto; ALMEIDA, Fernandes Antonio; FERNANDES, Ykesaky Terson Dantas. Consórcio agroecológico entre alface, cenoura e rabanete cultivado nas condições de Rolim de Moura, RO. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 6, n. 2, p. 28, 2011.

### **Sobre os autores:**

#### **João Paulo Guerreiro de Almeida**

Doutor em Educação (UFPB). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará -IFCE campus Limoeiro do Norte.

E-mail: joaopaulo.guerreiro@ifce.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3055-8182>

#### **Severino Bezerra da Silva**

Doutor em Ciências Sociais (PUC/SP). Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), linha de pesquisa em Educação Popular e graduações de Pedagogia, História e Ciências Sociais.

E-mail: severinobsilva@uol.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3062-6640>

Recebido em: 14/05/2024

Aceito para publicação em: 14/10/2024